

AS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E OS MITOS A RESPEITO DAS PESSOAS COM ALTAS HABILIDADES

NEGRINI, Tatiane – UFSM
tatinegrini@yahoo.com.br

FREITAS, Soraia Napoleão – UFSM
soraianfreitas@yahoo.com.br

Área Temática: Educação: Diversidade e Inclusão.
Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Resumo

Este artigo tem intuito de realizar uma análise a respeito da reportagem “Superdotado foi considerado ‘demônio’ quando era criança”, escrita por Simone Harnik e publicado em meio eletrônico no ano de 2007, assim como dos depoimentos deixados por algumas pessoas a respeito do caso do menino, publicados na mesma página. Tem-se em vista com isso problematizar as representações culturais e os mitos a respeito das pessoas com altas habilidades presentes nesta publicação e nos depoimentos, a partir de uma análise qualitativa. Para tanto foram utilizados autores como Pérez (2004, 2006), Winner (1998), Renzulli (1986, 2004), Alencar (2007), entre outros autores para realizar a discussão a respeito dos mitos e das representações culturais presentes na reportagem e nos depoimentos a respeito da mesma. Os principais mitos que se salientaram foi quanto às características das pessoas com altas habilidades, a representação cultural que trata sobre o desempenho do aluno com altas habilidades, assim como quanto ao seu atendimento diferenciado na escola regular. Estas representações culturais são algumas das quais se pode evidenciar quanto aos alunos com altas habilidades, sendo que sempre que uma notícia como a que está sendo analisada é exposta na mídia, surgem muitos comentários, pois as altas habilidades ainda é um tema pouco debatido na sociedade e nas escolas. Pode-se perceber que a análise destes mitos nos ajudam a compreender aspectos importantes presentes na sociedade e nas escolas brasileiras, e que estes estão imbricados na maioria das escolas, sendo que estas instituições muitas vezes tem alunos com altas habilidades matriculados, mas nem mesmo os reconhecem neste ambiente e permitem uma real inclusão.

Palavras-chaves: Mitos; Representações Culturais; Altas Habilidades.

Este artigo tem intuito de realizar uma análise a respeito da reportagem “Superdotado foi considerado ‘demônio’ quando era criança”, escrita por Simone Harnik e publicado em meio eletrônico no ano de 2007, assim como dos depoimentos deixados por algumas pessoas a respeito do caso do menino, publicados na mesma página. Tem-se em vista com isso problematizar as representações culturais e os mitos a respeito das pessoas com altas

habilidades presentes nesta publicação e nos depoimentos, a partir de uma análise qualitativa. A reportagem refere-se a um menino chamado Andrey, de 14 anos, que foi identificado com altas habilidades, em uma escola pública de São Paulo, após anos sendo considerado um aluno “problema” na escola.

Percebe-se que historicamente que os mitos estiveram presentes na sociedade a fim de tentar compreender aspectos até então diferenciados dos indivíduos, ou acontecimentos inusitados. Os mitos são resultado das representações culturais construídas a respeito de um determinado grupo social. Estes mitos e/ou representações difundem idéias errôneas ou até mesmo equivocadas sobre um grupo, tendo sido construídas a partir de estereótipos ou de vivências simplistas. As pessoas com altas habilidades formam um destes grupos que sofrem com algumas representações culturais a seu respeito.

Conforme Pérez,

Quando se pergunta, em palestras e seminários, quem, dentre o público, **conhece alguma pessoa ou tem algum familiar com altas habilidades**, as mãos que se levantam são muito poucas, e ainda menos (na grande maioria dos casos, nenhuma) quando a pergunta é **quem de vocês é uma pessoa com altas habilidades?**, o que parece estar relacionado a uma *‘representação negativa’* da PAH, entre outras razões. (PÉREZ, 2004, p. 63)

Ao realizar a leitura da reportagem “Superdotado foi considerado ‘demônio’ quando era criança”, assim como os posicionamentos das pessoas que escreveram sobre a mesma, podem-se salientar vários aspectos considerados representações culturais ou mitos sobre os alunos e as pessoas com altas habilidades.

A primeira questão que me chamou a atenção foi a dúvida quanto às características das pessoas com altas habilidades, pois em grande parte dos depoimentos são colocadas indagações a respeito deste aluno apresentar ou não características de altas habilidades, como se estas deveriam estar evidentes ao vê-lo. Além disso, percebe-se que a pergunta indagadora que mais se salientou foi se ele “é ou não superdotado”, o que vai ao encontro dos debates e estudos que vem sendo realizado por pesquisadores da área, de que o mais importante não é saber se este aluno “é ou não superdotado”, mas se este apresenta características de altas habilidades, e assim deve ser estimulado e acompanhado no seu desenvolvimento, para que estas características possam se confirmar ou não.

A respeito das características destes alunos, a Publicação “Diretrizes Gerais para o Atendimento Educacional aos Alunos Portadores de Altas Habilidades/Superdotação e Talento” traz a seguinte definição:

Altas Habilidades referem-se aos comportamentos observados e/ou relatados que confirmam a expressão de “traços consistentemente superiores” em relação a uma média (por exemplo: idade, produção, ou série escolar) em qualquer campo do saber ou do fazer. Deve-se entender por “traços” as formas consistentes, ou seja, aquelas que permanecem com *freqüência e duração* no repertório dos comportamentos da pessoa, de forma a poderem ser registradas em épocas diferentes e situações semelhantes. Esses educandos apresentam *envolvimento com a tarefa*, traço que se refere a comportamentos observáveis na demonstração de expressivo interesse, motivação e empenho pessoal nas tarefas que realiza em diferentes áreas, e criatividade, traço que diz respeito a comportamentos criativos observáveis no fazer e no pensar, expressados em diferentes formas: gestual, plástica, teatral, matemática ou musical, entre outras. Identificadas necessariamente por profissionais qualificados, Superdotados e Talentosos são indivíduos que, por suas habilidades evidentes, são capazes de alto desempenho (Renzulli. 1988), têm capacidade e potencial para desenvolver esse conjunto de traços e usá-los em qualquer área potencialmente valiosa da realização humana, em qualquer grupo social. (BRASIL, MEC/SEESP, 1995, p. 13).

A pessoa com altas habilidades é definida na Política Nacional de Educação Especial como aluno da educação especial por apresentar:

Notável desempenho e elevadas potencialidades em qualquer dos seguintes aspectos isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento criativo ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes e capacidade psicomotora. (BRASIL, MEC/SEESP, 1994, p. 7).

Assim, levando em consideração as características dos alunos com altas habilidades apresentadas por estes documentos, pode-se perceber que estes não apresentam um perfil homogêneo, variando de acordo com o contexto sócio-cultural em que estão inseridos. Algumas legislações baseiam-se na definição de Renzulli (1986, 2004).

O pesquisador Joseph S. Renzulli contribui de forma significativa na definição de características de pessoas com altas habilidades. Segundo Renzulli (2004) existem muitas opiniões diferentes sobre a definição da superdotação, e é assim que deve ser. Com isso, a maneira habitual de medir a superdotação, através dos testes padronizados de inteligência (Q.I.), deixa de ser a única maneira de se conhecer a inteligência de uma pessoa.

Renzulli (2004), a partir de suas pesquisas com pessoas criativas e produtivas, mostra que não existe um critério simples para indicar a superdotação. As pessoas que tem alcançado reconhecimento apresentam um conjunto de características bem definidas, que se entrelaçam entre si. São elas: Habilidade acima da média, Comprometimento com a tarefa e Criatividade elevada, sendo este estudo definido como o Conceito dos Três Anéis. Deve-se salientar que somente uma característica não faz a superdotação, porém a interação entre os três grupos seria o necessário para a realização criativo-produtiva. Esta interação entre os anéis ainda é a característica mais importante, porém a pessoa com altas habilidades é influenciada pelo ambiente no desenvolvimento de seu potencial de forma harmoniosa, sendo necessário o envolvimento da família, da escola e da sociedade para tal.

A idéia da necessidade do teste de QI também se apresenta como outro mito que se pode perceber nas colocações das pessoas sobre a reportagem, uma vez que relacionam diretamente a superdotação do aluno com o QI. Uma vez que este dado não é apresentado na reportagem, por se fixar em outras características do aluno e outras formas de identificação, os autores são interrogados quanto ao teste de QI. Acredita-se que os testes de QI podem mostrar apenas algumas habilidades dos alunos com altas habilidades, principalmente a lógico-matemática e a lingüística, sendo que as demais não considera. Este mito é considerado por Pérez (2006) como um dos mitos de níveis ou graus de inteligência.

Também alguns dos depoimentos colocam a respeito do aluno apresentar, ao invés de altas habilidades, características de hiperatividade, ocorrendo assim alguns conflitos quando a estes aspectos. Considero que algumas pessoas podem apresentar o que Guimarães e Ourofino (2007), entre outros autores, chamam de dupla excepcionalidade, que seria o diagnóstico de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) associado a superdotação. Porém as autoras salientam que as crianças com superdotação e TDAH diferem-se de crianças com superdotadas e de crianças com hiperatividade por vários motivos, principalmente quanto ao impacto das avaliações que afetam o planejamento da vida social e escolar, como também do tratamento e intervenções.

Além disso pode-se perceber que a representação cultural que trata sobre o desempenho do aluno com altas habilidades foi bastante citada nos depoimentos das pessoas. Existe este mito de que a pessoa com altas habilidades precisa se destacar em todas as áreas do currículo escolar, não podendo ter notas baixas, nem mesmo dificuldades de aprendizagem em alguma área. Sabe-se que o aluno com altas habilidades pode apresentar até mesmo

dificuldades de aprendizagem na área que não apresenta habilidade superior. Em vários momentos das escritas é possível ver que o aluno com altas habilidades “tem que ir bem em tudo”, de que tudo é fácil para este, não dando-se conta de que essa pode ser uma idéia equívoca da realidade.

Winner (1998, p. 18) coloca que ao se evidenciar alguns destes mitos, é necessário compreender que “As crianças podem ser superdotadas em uma área, mas na média, ou até mesmo com distúrbio de aprendizagem em outras. Assim, as habilidades podem ser independentes umas das outras”.

Outro aspecto que considero importante ressaltar diz respeito ao atendimento dos alunos com altas habilidades, uma vez que existe uma representação cultural de que este aluno está além dos demais e por isso não é necessário que receba estímulos e atendimento diferenciado. O fato do aluno com altas habilidades já estar inserido no ambiente da escola pode impedir que se perceba a necessidade da inclusão deste e da possibilidade de uma permanência bem-sucedida na escola.

Outra representação que foi possível perceber foi a representação de que o aluno com altas habilidades terá um futuro brilhante e eminente. Sabe-se que isso nem sempre acontece, pois depende de outros aspectos como motivação, estímulos, além de oportunidades para que possa desenvolver sua habilidade. Em classes menos favorecidas isso dificulta o sucesso deste aluno, que pode não tornar-se evidente na sociedade.

Estas representações culturais citadas neste texto são algumas das quais se pode evidenciar quanto aos alunos com altas habilidades, sendo que sempre que uma notícia como esta é exposta na mídia, surgem muitos comentários, pois as altas habilidades ainda é um tema pouco debatido na sociedade e nas escolas. Conforme Alencar (2007, p. 15), “No Brasil, superdotação é ainda vista como um fenômeno raro e prova disso é o espanto e curiosidade diante de uma criança ou adolescente que tenha sido diagnosticado como superdotado”. Isso fica visível com a divulgação desta reportagem, que levantou muitas polêmicas e discussões, também pelo fato de ter sido considerado ‘demônio’ por apresentar estas características.

Com a leitura da reportagem percebe-se que o aluno identificado possui vários indicadores de altas habilidades, apesar da reportagem não descrevê-las de forma clara. Nota-se a grande curiosidade por assuntos de seu interesse, a persistência em procurar sozinho o que lhe interessa, a preocupação social, entre outras. Também a família que este aluno vem

parece ser de classe média-baixa, o que vem a provar que estas pessoas estão presentes em todos os níveis socioeconômicos.

Considero instigante o questionamento feito por uma das pessoas que deixou seu posicionamento sobre a reportagem, pois coloca “com que finalidade o governo está identificando essas pessoas”. Este é um aspecto muito importante de ser debatido, pois a identificação destas pessoas não tem por intuito levar a rotulação das mesmas, como muitos pensam, nem mesmo formar um grupo de elite na sociedade. A identificação destes sujeitos com característica de altas habilidades deve acontecer para que desta maneira possa estar sendo reconhecida sua singularidade e se conhecer suas reais necessidades, para que possa estar realmente incluído no sistema escolar.

Pérez (2006), ao tratar sobre a identificação dos alunos com altas habilidades, entende que:

[...] identificar não pode significar “diagnosticar”, no sentido clínico, ou rotular, como se fez durante muito tempo, submetendo as pessoas a testes psicométricos que avaliam algumas poucas habilidades (apenas a lingüística, a lógico-matemática e a espacial), e falham na detecção das habilidades em outras áreas de inteligência (como a musical, a corporal-cinestésica, a naturalista, a intrapessoal e a interpessoal). [...] Identificar significa saber *quem são* as pessoas com AH/SD, *onde estão* e *quais são* suas verdadeiras necessidades para, então, sim formular as medidas necessárias para que a escola se adapte a elas, como deve ser (2006, p. 170).

Neste sentido, é importante saber quem são os alunos com altas habilidades, para poder identificá-los e atendê-los, adaptando a organização escolar às necessidades dos alunos, para que estes não adormeçam seus talentos ou percam o interesse pela escola e venham a evadi-la.

De acordo com Pérez (2006), a inclusão do aluno com altas habilidades deve garantir não somente a permanência do aluno na escola, mas,

[...] a “permanência” deve ser sempre acompanhada do adjetivo “bem-sucedida”, porque, especialmente no que se refere ao aluno com AH/SD, que será o outro filtro que conduzirá essa análise, não é o acesso, o ingresso ou a permanência simples e pura que impede a inclusão desse aluno, mas a qualidade dessa permanência. Se apenas o acesso, o ingresso e a permanência na escola fossem garantia de inclusão, a grande maioria dos milhões de brasileiros com AH/SD que hoje, literalmente, “passa pela escola” (quando não a abandonam), não formaria esse exército de crianças/adolescentes/adultos-fantasma, obrigados a se adaptarem a um ensino medíocre (ou a revoltar-se contra ele); a terem suas potencialidades ofuscadas. Amordaçadas ou extintas, até, a serem discriminados e, muitas vezes, ridicularizados

pelo seu comportamento e, em muitos casos, a serem até medicados para sanar patologias que não possuem (PÉREZ, 2006, p. 152-153).

Assim, acredito que a análise destes textos nos ajuda compreender aspectos importantes presentes na sociedade e nas escolas brasileiras, e saliento que estas representações culturais estão imbricadas na maioria das escolas, sendo que estas instituições muitas vezes tem alunos com altas habilidades matriculados, mas nem mesmo os reconhecem neste ambiente e permitem uma real inclusão. Por este motivo é necessário se discutir a respeito a fim de que se possa romper com algumas destas representações.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Soriano de. Indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação: Clarificando Conceitos, Desfazendo Idéias Errôneas. In: FLEITH, Denise de Souza (org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. vol 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

BRASIL. **Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades: superdotação e talentos**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 1995.

_____. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

HARNIK, Simone. Superdotado foi considerado demônio. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://gi.globo.com/Noticias/Vestibular>. Acesso em: 13 fev. 2008.

OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentes de; GUIMARÃES, Tânia Gonzaga. Características Intelectuais, Emocionais e Sociais do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. vol 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. O atendimento educacional ao aluno com Altas Habilidades/Superdotação na legislação da Região Sul do Brasil: os lineamentos para concretizar uma quimera. In: FREITAS, Soraia Napoleão. **Educação e altas habilidades/superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas**. Santa Maria: ed. da UFSM, 2006.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. **GASPARZINHO VAI À ESCOLA: um estudo sobre as características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo**. Porto Alegre. PUC/RS, 2004. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

RENZULLI, Joseph S. O Que é Esta Coisa Chamada Superdotação, e Como a Desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. In: **Revista Educação**. Porto Alegre – RS, Ano XXVII, n. 1 (52), Jan./Abr. 2004.

RENZULLI, S. The Three-ring conception of giftedness: A Developmental Model for Creative Productivity. In: RENZULLI, S. e REIS, Sally M. The Triad Reader. Connecticut : Creative Learning Press, 1986.

WINNER, Ellen. **Crianças superdotadas: mitos e realidades**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.